

JOSÉ DE MANELOS SAMPAIO  
DA ASSOCIAÇÃO DOS ARQUEÓLOGOS PORTUGUESES

---

# Um Sinete Interessante

Separata do I Volume dos «Trabalhos da Associação  
dos Arqueólogos Portugueses»



LISBOA  
1 9 3 5



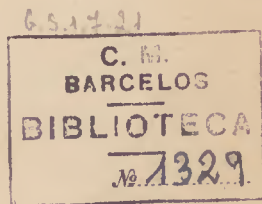
469.12)''13''(0.







Um  
Sinete Interessante



Barcelos Perm.

N.º 12

À

" Comissão de Iniciativa e Turismo "

de

Barcelos



José de Manuel Sampaio

---

JOSE DE MANCELOS SAMPAIO  
DA ASSOCIAÇÃO DOS ARQUEÓLOGOS PORTUGUESES

---

# Um Sinete Interessante

Separata do I Volume dos «Trabalhos da Associação  
dos Arqueólogos Portugueses»



LISBOA  
1 9 3 5





**A** comunicação, acêrca de matrizes sigilares, apresentada na Assembleia Geral de 3 de Março de 1932 pelo Sócio Efectivo Sr. Dr. Luciano Ribeiro e publicada no Volume X da «Arqueologia e História», que li pouco depois de receber um estudo semelhante, no n.º 1 do tómo 5.º da «Feira da Ladra», da autoria do Sr. Garcês Teixeira, coïncidiu quási com a sugestão do nosso Secretário Geral Sr. António Machado de Faria para dar forma à consulta que dirigi à Associação sôbre um valioso sinete antigo, encontrado aqui perto no Monte da Franqueira e sitio do celebrado Castelo de Faria, teatro do *feito* dos Alcaides em 1373, narrado por Fernão Lopes e recordado por Alexandre Herculano nas «Lendas e Narrativas».

Encontro também incitamento («Arquivo Nacional de Ex-Libris») nos trabalhos dos Srs. Pedro Vitorino e Carlos Passos, cuja lição me orienta no sentido de satisfazer a sugestão a que me referi.

Tanto mais que a peça é na verdade merecedora de estudo e divulgação, tão perfeito é o seu estado e tão curioso o seu gravado, com a circunstância de se tratar de uma *matriz* e, portanto — ao que leio — de uma raridade.



Encontro que os documentos eram *selados* por três formas : *chapa*, *suspensão* e *estampagem*.

De *chapa* quando a matriz (anel, sinete, etc.) se reproduzia no corpo do documento por meio de substâncias fixantes tendo por base a cera.

Por *suspensão* se o selo ficava fora do documento, mas *dêlê pendente* por tiras, cordões ou fitas.

Em *estampagem* se se utilizava tinta, servindo a matriz de carimbo.

Os selos de chapa são os mais antigos pois já existiam no século décimo (antes de Cristo); seguiram-se os selos de suspensão a partir do século onze e por fim vieram os estampados no século dezassete, aquêles medievais e estes modernos.

Afigura-se-me, pois, que provoca confusão o uso do termo *de suspensão*, aplicado tanto às *matrizes* que se traziam suspensas por cadeias ou cordões, etc., em colar ou ligados a cintos, como aos *sêlos* pendentes dos documentos por formas diversas.

Seria talvez preferível chamar de *suspensão* somente às *matrizes* e *pendentes* só aos *sêlos*, que o fôsem umas e outros.

Em razoavel fixidez de termos, apenas, porque me parece que não teria sido somente a dificuldade de fixar a pasta de selagem antiga em pergaminho, a origem dos *sêlos pendentes*; acaso as *matrizes de suspensão* é que lembraram aquela disposição de selagem e delas ainda nós vemos hoje o reflexo em certos ornatos das cadeias e «*châtelainnes*» dos relógios de bôlso. Eu mesmo conheci uma suspensão de relógio — jóia de família do século xviii — com um pequenino sinete cinzelado em berloque, lindíssimo por sinal !

Mais me parece ainda genérica a denominação *matriz*; poderíamos talvez dividir as matrizes em *anéis*, *sinetes*, *pressas* e *carimbos*. E também aqui encontro dúvida porque vejo chamar *sinete* aos *selos secretos*, a meu ver outra confusão de causa com efeito.

Estes detalhes teriam talvez a vantagem da clareza, tão necessária na linguagem e na escrita descritivas.

E assim eu teria a certeza do acêrto ao escrever: no Monte da Franqueira, sítio do histórico Castelo de Faria medieval, perto de Barcclos, foi encontrado um *sinete medieval de suspensão* deveras interessante e valioso.

\*  
\*   \*  
\*

Para o estudo do sinete, os elementos de comparação que obtive — neste recanto de província do qual raríssimas vezes me desloco — são por certo deficientes. Mas, coincidência interessante, apareceram-me quási na mesma ocasião da descoberta da matriz sigilar no sítio do Castelo de Faria.

Esses elementos são: a matriz encontrada pelo Sr. Garcês Teixeira, as duas de Alenquer descritas pelo Sr. Dr. Luciano Ribeiro e um sêlo existente na «Biblioteca Nacional de Lisboa», do qual tenho uma fotografia, que devo à amabilidade do meu antigo camarada e contemporâneo tenente-coronel Sr. Costa Veiga.

Dessas quatro marcas sigilares duas, em forma de escudo, são vincadamente heráldicas, pelo que prefiro as outras duas: a segunda do trabalho do Sr. Dr. Luciano Ribeiro e o sêlo da «Biblioteca» de Lisboa.

Ambas essas peças têm a forma dum triângulo sôbre os lados do qual estão traçados semi-círculos; o sinete do Castelo de Faria é um quadrado com semi-círculos sôbre os lados na mesma forma de desenho daqueles. Esta figura com *arcos plenos* acaso traduzirá uma influência *românica*, estilo que como se sabe ultrapassou em Portugal os primeiros tempos da passagem para o gótico, apenas iniciado aqui quando já estava muito espalhado por fora.

Tôdas as três matrizes em comparação são epigrafadas em caracteres *unciais*; estes — conforme a «Epigrafia» do Sr. Cordeiro de Sousa — foram usados a partir da segunda metade do século xii até ao princípio do século xv e em alfabeto completamente constituído mantiveram-se no espaço de tempo que decorreu desde o fim da primeira metade do reinado de D. Denis até o de D. João I.

Portanto, se posso considerar mais ou menos contemporâneas

as três peças sigilares comparadas e se sei a época precisa duma delas (a da «Biblioteca» que *sela* um documento de cêrca de 1320 a. D.), posso talvez também aventar a hipótese — pela bem visível perfeição dos caracteres da legenda da matriz do Castelo de Faria — de que êste sinete é da segunda metade do século XIV, isto é do período da perfeita constituição do alfabeto uncial (1) e seu uso, também perfeito, no nosso país.

Mais claro: o sinete encontrado no Monte da Franqueira (Barcelos) e sítio do histórico Castelo de Faria, é, provâavelmente, da segunda metade do século de 1300.

\*  
\*   \*  
\*

Anexa a estas considerações está uma reprodução do sinete facilitando seu estudo.

Para leitura e interpretação, tratando-se duma *matriz*, a cópia exacta do anverso daria desenho invertido; pareceu-me vantajoso ter um figurado ao seu direito e obtive-o firmando o sinete em lacres que, por tentativas repetidas, saíram razoáveis.

Ofereci uma dessas provas à «Associação», por intermédio do nosso Secretário-Geral, e outra ao «Museu Municipal do Pôrto», por intermédio do Engenheiro Sr. Rui de Serpa Pinto, Assistente à Universidade e Instituto de Antropologia da mesma cidade. Ambos já visitaram Barcelos, com ambos tive o vivo prazer de tomar conhecimento pessoal e ainda mais a satisfação de ouvir delicadas lições, que me penhoraram pela forma como foram dadas.

O desenho que apresento é, pois, apenas uma cópia minha de lacres (o que seria o *sêto* proveniente do *sinete*), no detalhe para decifração da legenda e das figuras centrais. E junto-lhe uns «croquis» do aspecto da matriz, para sua figuração tanto quanto possível completa.

---

(1) *Uncial* (do baixo latim *uncia*, *æ*) parece-me forma preferível a *uncial* que, a meu ver, tem ressaibos de galicismo.



I



II



III

*I — Reverso e II — Perfil (nas dimensões próprias)*

*III — Reprodução aumentada, a direito, do anverso*

A matriz é de bronze, conforme exame feito por um contraste aqui de Barcelos, com 0,<sup>m</sup>036 por 0,<sup>m</sup>036 de dimensões exactas, 0,<sup>m</sup>005 de espessura por tôda ela e no reverso tem um orifício circular (0,<sup>m</sup>003) *de suspensão*, praticado numa espécie de refôrço, trabalhado por forma que dá a impressão duma peça destinada ao uso do sinête (Figuras I e II).

Já notei que a figura geométrica da matriz é um quadrado sôbre os lados do qual estão traçados semi-círculos; no quadrado está mais inscrita uma circunferência completa.

Dentro da circunferência está gravada a figura dum boi, carneiro ou cabra, encimada por uma vieira, em perfeita forma heráldica, isto é, com a parte convexa para fora e a charneira para cima (Figura III).

É evidentemente um conjunto simbólico a compreender.

A legenda, disposta por forma bastante original, é constituída por uma cruz e catôrze letras — dispostas quatro junto dos vértices do quadrado e as restantes em grupos de três dentro dos semi-círculos exteriores — fazendo-se a leitura da esquerda para a direita e de fora para dentro.

Essa decifração — feita pelos Srs. Conde de Tovar e Cordeiro de Sousa — deu:

+S G ARC I ACA R NEI R

estando o E e o I, do último grupo de três caracteres, em geminação que, embora apenas ligeiramente indicada, se vê bem num pequeno prolongamento, da extremidade da curva superior do E, podendo valer por um til.

O dizer da legenda é pois:

Sêlo (*sigillum*) GARCIA CARNEIR

e ao lado da cruz, em simetria com o S, vê-se um espaço em liso que, instintivamente, se pode apontar como o lugar do O final da palavra *Carneiro*, letra que não chegariam a gravar, talvez propo-

sitadamente, ficando assim só com dois caracteres êsse grupo da série dos inscritos nos semi-círculos exteriores.

Entendo que o gravador procurou vincar bem o comêço da legenda, por desnecessário o O, visto que tendo-se:

### Sêlo Garcia Carneiro

a omissão da letra final está — para a leitura completa — compensada na figura simbólica de animal que, evidentemente, é, portanto, *um carneiro*.

E a vieira ? Suponho-a um simbolo de peregrino; o falecido heraldista Sr. Santos Ferreira (*Armorial Português* — III — 162) escreveu que as *vieiras* são, genêricamente, uma reminiscência das cruzadas e grandes peregrinações à Terra Santa; mas na nossa península têm particular ligação com o Santuário de Compostela ou com as Ordens monástico-militares, portuguesa e espanhola, de Santiago. E aqui, no nortenho luso-calaico, em tal época afigura-se-me admissivel a hipótese de que alude a um devoto de Santiago, a um peregrino a Compostela.

Supondo aceitáveis os raciocínios, até aqui apresentados, restaria, para conclusão, um detalhe importante: identificar a matriz, descobrindo quem era Garcia Carneiro.

O sinête appareceu perto do circuito muralhado, que parece formava o recinto que envolvia a tórre medieval do Castelo de Faria (1); nessa zona foram encontrados muitos pelouros de catapultas, pontas de dardos, ferros de setas, acicates de cavaleiro, pedaços de malha de cervilheira, fragmentos do punho duma espada medieva, tecidos de lã semi-queimados, lâminas de arnezes (bra-

---

(1) Está provado que o histórico Castelo de Faria ocupava o local dum castro romano e que êste se instalou numa povoação castreja pre-romana; estão a descoberto os alicerces das habitações circulares típicas dêsses povoados, a dupla muralha em pedra solta, inúmeros exemplares cerâmicos, cereais (*a fava celtica* por exemplo), mós manuais, uma coleção variada de cossoiros, uma conta em vidro azul, talvez mesmo um *coup-de-poing*, etc.

gais, coxotes, etc.), botões de carrêto em latão, fivelões do mesmo metal, chaves, uma delas interessantíssima, moedas fernandinas (em especial uma *barbuda* perfeitíssima e *pilartes* de bilhão, etc.), formando êsse conjunto uma recolha valiosa que se me figura coeva do cêrco do Castelo em 1373 pelo Adelantado da Galiza Don Pedro Sarmiento.

Quere-me parecer, pois, que o possuidor do sinêto teria sido *alguém* que tomou parte nesse cêrco, cuja narração a prosa arcaicamente colorida de Fernão Lopes converteu (já o escrevi algures) num dos episódios mais comoventes das suas narrativas, salientando o *feito* dos Alcaldes do Castelo de Faria na História Nacional.

Quem seria ?

Em primeiro lugar, por certo, pessoa de categoria, visto que usava um sinêto próprio, simbólico e até artístico. Um cavaleiro, portanto, um nobre.

Português, fazendo parte da guarnição do Castelo de Faria, ou acolhido a êle para a campanha defensiva da Pátria ?

Galego, vindo na hôste do Adelantado e tendo perdido o sinêto nas tentativas *de filhar* o castelo, o que não conseguiram ?

Só pelo exame da matriz tanto podia ser um cavaleiro português como galego: *carneiro* escreve-se e pronúncia-se da mesma forma em ambas as línguas.

É, pois, um problema de genealogia; para sua solução não satisfazem os elementos de que disponho; seria indispensável uma investigação nos nobiliários nacionais e nos espanhóis.

Ainda tentei procurar nas genealogias portuguesas, consultando o notável «Nobiliário de Felgueiras Gaio», guardado aqui na Misericórdia de Barcelos e recorrendo ao saber do meu Mestre Sr. Dr. José de Sousa Machado, residente em Braga.

Em Felgueiras Gáio, volume 13.º título de «Carneiros» — que compreende 178 parágrafos ocupando 97 fôlhas da pequena e típica letra do manuscrito — verifiquei não haver um único indivíduo chamado *Garcia*.

O Sr. Sousa Machado respondeu-me, com data de 29 de Dezembro de 1932, o seguinte: — *deitei abaixo os livros genealógicos mas não achei o Carneiro do sinêto; é um problema interessante mas*



*extremamente difícil; os nobiliários nas gerações anteriores a D. João I são manifestamente defeituosos.*

No campo das hipóteses — e neste particular só nêle estou — inclino-me para que fôsse um cavaleiro galego; o nome Garcia, a vieira do devoto ou peregrino a Santiago e (deixem-me confessá-lo) o *entusiasmo* de supôr vencido, derrubado, um categorizado inimigo no investimento inútil do heróico Castelo de Faria levam-me a' essa suposição.

\*  
\*   \*  
\*

Estou escrevendo em fins de Fevereiro, principios de Março de 1933; em tal época do ano de 1373 — era de 1411 — se cobriram de imorredoura glória dois *Escudeiros* da nobre raça portuguesa à qual pertencemos.

Tento, com êste insignificante estudo dum pequeno sinete encontrado no sítio do *feito*, comemorar a data provável dum dos mais belos gestos, de leal firmeza à *palavra dada*, que ornamentam a História de Portugal.

JOSÉ DE MANCELOS SAMPAIO





1933

IMPRESA BELEZA  
RUA DA ROSA, 99 A 107  
LISBOA

biblioteca  
municipal  
barcelos



1329

Um sinefe interessate